

## John Bunyan e Mark Twain: desafios entre o céu e o inferno

Heloisa Helou Doca  
UNIMAR

Nosso estudo enfoca o relato de viagem, permeado por humor e ironia, escrito por Mark Twain em 1869, *The Innocents Abroad or The New Pilgrims' Progress*, em que o narrador viaja pela Europa e pelo Oriente, fazendo uso de diferentes máscaras: ora é bufão, ora é um democrata destemido, ora é um nacionalista extremado, etc. Esse narrador é o próprio Mark Twain, o americano desprovido de passado histórico, o próprio “inocente” no exterior, o “eterno Adão”.

Como não existe, até hoje, tradução do livro de viagem de Twain, aqui traduzimos o título com o objetivo de dar visibilidade à obra e de traçarmos um diálogo com o livro de John Bunyan: *Os Inocentes no Exterior ou a Jornada dos Novos Peregrinos*. Optamos em traduzir *abroad* por “exterior” ao invés de “estrangeiro”, pois nossa opção sugere uma ambigüidade, ou seja, exterior: em outros países e exterior do paraíso adâmico remetendo à idéia de desamparo. ‘*A Jornada dos Novos Peregrinos*’ é uma alusão que Mark Twain faz, referindo-se ao livro do escritor inglês John Bunyan (1628-1688), *The Pilgrim's Progress (A Jornada do Peregrino – tradução nossa)*, escrito em partes que vão de 1678 até 1788.

Além de escritor, Bunyan foi também pastor não-conformista, no século XVII, e numa das várias vezes em que esteve preso escreve *The Pilgrim's Progress*. O livro alegórico relata, por meio do sonho do narrador, uma viagem ao céu e a maior fonte de inspiração de Bunyan foi a Bíblia, assim como a tradição puritana. Sua alegoria narra, com humor e em primeira pessoa, a história de Cristão (Christian), o herói, que deixa a *Cidade da Destruição* rumo à *Cidade Celestial* carregando um pesado fardo de pecados nas costas e a *Santa Escritura* nas mãos. Uma de suas primeiras dificuldades é passar pelo famoso *Pantanal do Desalento* onde seu companheiro, *Volúvel*, é submetido a provações. Entretanto, Cristão, com a ajuda de *Auxílio*, consegue se arrastar e de lá sair, continuando seu caminho pelo *Rio da Morte*.

Outros obstáculos são encontrados na *Colina da Dificuldade*, no *Vale da Humilhação* e no *Vale das Trevas*, como também a prisão que se dá no *Castelo da Dívida* pelo *Gigante Desespero*. Nas primeiras aventuras, Cristão une-se a uma companheira de viagem - a *Fé* - e os dois finalmente alcançam os *Portões do Paraíso* onde são recebidos pelos anjos, vencendo assim o desafio de alcançarem o céu.

Assim como o narrador de *The Pilgrim's Progress*, o narrador de *The Innocents Abroad* também peregrina, ao fazer uma *Nova Jornada*, e encontra em sua peregrinação o bem, o mal, a fé, a esperança, a desesperança, a destruição, a desilusão, o sonho, os prazeres, os perigos, o humor, a ironia, as almas, os anjos e santos, assim como os demônios e figuras que dessacraliza, a luz e também as trevas. Twain empresta a alegoria de Bunyan para traçar o destino daqueles que, com ele, viajavam para a Europa e Oriente no navio a vapor, *The Quaker City* – e assim, nomeia seu livro de viagem como sendo a **jornada dos novos peregrinos**. (grifo nosso).

No livro de Bunyan encontra-se uma enorme gama de pecadores peregrinos buscando a salvação; no entanto, em contrapartida, o que Twain propõe, ao nomear seu livro, é que seus peregrinos sejam “inocentes”. Não têm pecado algum; o único pecado que carregam é o fato de terem uma “amnésia” cultural, a “amnésia do colonizado” diante da sofisticação do Velho Mundo. Fica-nos claro, todavia, que por meio da construção da ironia, Twain diz o contrário, ou seja, constrói o “inocente” como um pecador e aceita o desafio de conduzi-lo ao inferno.

Twain, ao publicar seu livro de viagem, tenta derrubar arquétipos que outros escritores como Fenimore Cooper, Poe, Melville, Eliot e Pound haviam construído a respeito das culturas americana e européia. Novos significados emolduraram o olhar que Twain propõe passar ao leitor. O humor foi uma arma usada na desmistificação dos conceitos pré-existentes; a linguagem foi um instrumento de politização, pois em seu plurilingüísmo encontramos sua ideologia. O livro prima pela intertextualidade, mesclando ora a voz do “comportado” Sr. Samuel, ora a voz do “zombeteiro” Mark Twain.

O personagem chamado “Mark Twain”, em *The Innocents Abroad*, é uma versão cômica de tipos heróicos, um viajante que zomba e que aprendeu com os *young braves* a detestar a arrogância, a desprezar sentimentalismo, a desconfiar da sofisticação e adquirir deles um vocabulário novo – uma autêntica forma americana – no qual o desprezo e a desconfiança transformam-se em um tipo de humor que resulta no riso e põe em dúvida a arte e a civilização da Europa e da Terra Santa. Além do mais, “Mark Twain” é oriundo de uma paisagem onde a natureza fora extremamente generosa e o Velho Mundo pareceu-lhe pálido, domesticado e pequeno. Porém, o narrador, em sua peregrinação, muitas vezes se transforma em pecador ao zombar da cultura de outrem, pois, às vezes, ele se esquece que a cultura transcende o mundo cotidiano. Assim agindo, dentro de sua personagem burlesca, ele parodia a “inocência” dos americanos. E, ao invés de rirmos dele, rimos dos ianques que resistiram ao processo de “aculturação”.

Interessante observarmos que a personagem de Bunyan, Cristão, chega ao céu depois de sua peregrinação, enquanto o narrador de *The Innocents Abroad* e seus peregrinos, ao desempenharem, muitas vezes, o papel de “pecadores” retornam, metaforicamente, ao inferno – a América – pois, será lá, que esses exercitarão o papel de sua cidadania sem menosprezar os Outros.

Dos tantos peregrinos que embarcaram na excursão com Twain, um grupo à parte, é chamado de “vândalos”, pelo narrador. “I could have said more about the American Vandal abroad, and less about other things, but I found that he had too many disagreeable points about him.” (SMITH, 1967, p. 40). “Eu poderia ter dito mais sobre o Vândalo Americano no estrangeiro e menos sobre outras coisas, mas achei que ele tinha pontos desagradáveis demais” – (tradução nossa) - pronuncia Twain em uma de suas conferências sobre a expedição ao retornar do cruzeiro.

Buscamos o significado do verbete, no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986) e encontramos: vândalo - “membro de um povo germânico de bárbaros que, na Antigüidade, devastaram o sul da Europa e o norte da África.” Pois bem, fica-nos claro que, além desses vândalos praticarem o vandalismo, depredações de monumentos respeitáveis, Twain os inseriu em seu relato,

com o propósito de representarem, na expedição, a gama de americanos que, na época, já tinha propósitos devastadores (os pecadores).

Assim refletindo, ao estabelecermos uma relação entre os propósitos de uma América como a de Lincoln, Whitman ou Twain voltados para o espírito democrático, podemos afirmar que Twain criou tais personagens para acusar, veladamente, as intenções usurpadoras que possuía o governo norte-americano, nessa ocasião. A exemplo, mencionaremos a idéia do governo estadunidense em realizar uma missão “civilizadora”, no Havaí, em 1868.

Twain, ao chegar de sua excursão, escreve um artigo para o *New York Tribune* mostrando-se veemente contra as intenções governamentais. Usando de sua ironia, Twain parodia o discurso xenófobo dos “defensores” das instituições norte-americanas: “podemos transformar aquelas ilhas sonolentas num dos locais mais agitados da terra. É da anexação que aqueles pobres ilhéus precisam. Devemos àqueles que vivem nas trevas negar a luz da vida?”(TWAIN, 2003, p.127).

Por essas razões, ao analisarmos os fragmentos que se seguem, o leitor poderá também constatar nossa postura:

The incorrigible pilgrims have come in with their pockets full of specimens broken from the ruins. I wish this vandalism could be stopped. They broke off fragments from Noah's tomb; from the exquisite sculptures of the temples of Baalbec; from the houses of Judas and Ananias, in Damascus; from the tomb of Nimrod the Mighty Hunter in Jonesborough; from the worn Greek and Roman inscriptions set in the hoary walls of the Castle of Baniyas; and now they have been hacking and chipping these old arches here that Jesus looked upon in the flesh. Heaven protect the Sepulchre when this tribe invades Jerusalem!<sup>1</sup>

(TWAIN, 1997, p. 471)

Percebemos, logo após a leitura do fragmento, que se trata de uma ficção na narrativa twainiana. Ao balizar as várias esculturas depredadas pelo vandalismo do grupo de peregrinos – aqui Twain ainda os chama de **peregrinos** – o narrador traz à luz o barbarismo e a falta de respeito

---

<sup>1</sup> Os incorrigíveis peregrinos chegaram com os bolsos cheios de exemplares quebrados das ruínas. Gostaria que esse vandalismo cessasse. Eles quebraram fragmentos da tumba de Noé; das extraordinárias esculturas dos templos de Baalbec; das casas de Judas e Ananias, em Damasco; da tumba de Nimrod, o poderoso caçador em Johannesburgo; das desgastadas inscrições gregas e romanas fixadas nas paredes envelhecidas do castelo de Baniyas; e agora, estão cortando e esgravatando esses antigos arcos aqui que Jesus experimentou no corpo. Que os céus protejam o Sepulcro quando esta tribo invadir Jerusalém! (TWAIN, 1997, p. 471, tradução nossa).

com o território de outrem. A atitude profana ao cortarem, inclusive, pedaços dos arcos que infligiram o corpo de Jesus remete, tanto à atitude bárbara, quanto, também, à inverdade de, realmente, haver as lanças que ultrajaram a carne do filho de Deus.

O narrador refere-se, no fragmento seguinte, a esses depredadores como “tribos perdidas da América”. Tais personagens aportam do *Quaker City* e percorrem, em uma pitoresca procissão, os pontos turísticos do Egito. Apesar da contumaz crítica aos “caçadores de relíquias”, o narrador constrói o humor ao mencionar que um deles carregava um martelo com a intenção de quebrar a ponta da Agulha de Cleópatra, mas a tentativa fora em vão. Tentou o Pilar de Pompéia e também foi frustrado em seu intento.

In the morning the lost tribes of America came ashore and infested the hotels and took possession of all the donkeys and other open barouches that offered. They went in picturesque procession to the American Consul's; to the great gardens; to Cleopatra's Needles; to Pompey's Pillar; to the palace of the Viceroy of Egypt; to the Nile; to the superb groves of datepalms. One of our most inveterate relic-hunters had his hammer with him, and tried to break a fragment off the upright Needle and could not do it; he tried the prostrate one and failed; he borrowed a heavy sledge hammer from a mason and failed again. He tried Pompey's Pillar, and this baffled him.<sup>2</sup>

(TWIN, 1997, p. 612-613)

Oscar Tacca, em *Vozes do Romance* (1983), afirma que “o recurso da transcrição ou relato é o mais frágil de todos os processos narrativos, pois o recurso do transcritor tende para a verossimilhança, mas, em rigor, o relato nunca é verossímil: finge verossimilhança.”(TACCA,1983, p. 32). Tomamos os postulados teóricos de Tacca para sustentar nossa proposição de que o narrador, realmente, tende a ser verdadeiro; não obstante, sabemos que o relato nunca é verossímil. Ressaltamos, no entanto, que existem sempre intenções veladas por detrás deste ato comunicativo.

No texto subsequente, percebemos que Mark Twain inicia seu relato falando com a própria voz do autor real. Ao escrever que: “há coisas que para o crédito da América, talvez deversem ser

---

<sup>2</sup> Pela manhã as tribos perdidas da América vieram para a terra firme e infestaram os hotéis e tomaram posse de todas as mulas e outras carruagens abertas disponíveis. Foram, em uma pitoresca procissão, ao consulado americano; até aos imponentes jardins; até as Agulhas de Cleópatra; até o pilar de Pompéia; ao Palácio do vice-rei do Egito; ao Nilo; aos soberbos bosques de coqueiros imperiais. Um de nossos mais inveterados caçadores de relíquia carregava seu martelo e tentou quebrar um fragmento da ponta da Agulha, mas não conseguiu; tentou nocautear outra e falhou; arrumou emprestado de um pedreiro uma marreta e falhou de novo. Ele tentou o Pilar de Pompéia e foi frustrado em seu intento. (TWIN, 1997, p. 612-613, tradução nossa).

omitidas, portanto, essas coisas específicas, algumas vezes, são as coisas precisas que, para o legítimo benefício dos americanos, têm que ter notável comentário.”(TWAIN, 1997, p. 629, tradução nossa), o narrador anuncia a verossimilhança de seu relato. Destarte, Twain “anuncia” uma intenção verdadeira que ultrapassa o espaço dos vândalos – Egito – e se estende até a América.

There are some things which, for the credit of America, should be left unsaid, perhaps; but these very things happen sometimes to be the very things which, for the real benefit of Americans, ought to have prominent notice. While we stood looking, a wart, or an excrescence of some kind, appeared on the jaw of the Sphynx. We heard the familiar clink of a hammer, and understood the case at once. One of our well-meaning reptiles – I mean relic-hunters – had crawled up there and was trying to break a “specimen” from the face of this the most majestic creation the hand of man was wrought. But the great image contemplated the dead ages as calmly as ever, unconscious of the small insect that was fretting at its jaw. Egyptian granite that has defied the storms and earthquakes of all time has nothing to fear from the tack-hammers of ignorant excursionists – highwaymen like this specimen. He failed in his enterprise. We sent a sheik to arrest him if he had the authority, or to warn him, if he had not, that by the laws of Egypt the crime he was attempting to commit was punishable with imprisonment or the bastinado. Then he desisted and went away.<sup>3</sup>

(TWAIN, 1997, p. 629-630)

Notamos que, após a exposição com a própria voz do autor, o narrador intervém e, com humor, constrói sua narrativa. A verruga que se forma no queixo da Esfinge, o toc-toc do martelo de um dos “bem intencionados répteis” tentando depredar o rosto da “mais sublime criação feita pela mão do homem” formam um campo semântico inverossímil. No entanto, podemos refletir se esse personagem criado na ficção twainiana – o “bem intencionado réptil” - não representa o governo norte-americano que tinha intenções, na época, de “civilizar” a “mais sublime criação feita pela mão do homem” - as *Ilhas Sandwich*, no Havai? Fica-nos bem claro que o cidadão Twain faz uso dos “Vândalos” para mostrar as intenções usurpadoras do governo americano – o governo pecador. No

---

<sup>3</sup> Há algumas coisas que para o crédito da América talvez deveriam ser omitidas; mas essas coisas específicas, algumas vezes, são precisamente as coisas que, para o legítimo benefício dos americanos, têm que ter notável comentário. Enquanto nos postávamos olhando, uma verruga ou uma excrescência de algum tipo apareceu no queixo da Esfinge. Escutamos o familiar toc-toc de um martelo e compreendemos o acontecido na hora. Um de nossos bem-intencionados répteis – quero dizer, um caçador de relíquias – tinha trepado lá e estava tentando quebrar uma “amostra” do rosto da mais sublime criação feita pela mão do homem. Porém, a imponente imagem continuava contemplando as eras passadas tão impassível como sempre, sem tomar consciência do ínfimo inseto que estava esfolando seu queixo. Granito egípcio – esse que tem desafiado as tormentas e terremotos de todos os tempos – nada tem a temer dos martelos cabeçudos de excursionistas ignorantes – salteadores desse tipo. Ele falhou em sua aventura. Mandamos um sheik prendê-lo, se tivesse autoridade para tal ou adverti-lo, se não tivesse, pois, pelas leis do Egito, o crime que ele estava tentando cometer era penalizado ou com detenção, ou com tortura. Então ele desistiu e se foi. (TWAIN, 1997, p. 629-630, tradução nossa).

livro *Patriotas e Traidores* encontramos a seguinte anotação de Twain: “a fonte secreta do humor não é a alegria, mas a tristeza.”(TWAIN, 2003, p. 186). A asserção twainiana leva-nos a refletir se o autor não criara um “estilo burlesco” para trazer à tona seu pensamento que, muitas vezes, não corroborava com o da América, tornando-o triste.

Em suma, concluímos que muito do humor de Mark Twain fora criado para expressar sua desilusão àquela pátria que lhe fora ensinada ser democrática e com um governo que fosse “do povo, pelo povo e para o povo.”(Abraham Lincoln) e que, de fato, os “Vândalos” foram personagens criadas para denunciar as intenções governamentais da época: a de subjugação e de posse – testemunhando, outrossim, a presença de um Mark Twain antiimperialista, e que desafia o *establishment* norte-americano, conduzindo ‘os peregrinos’ de volta à América-inferno, em *The Innocents Abroad*.

Desta forma, enquanto Bunyan conduz seu peregrino-pecador ao céu, Mark Twain leva os seus ao inferno metaforizado por uma América cheia de pecados.

## REFERÊNCIAS

BUNYAN, John. *The Pilgrims' Progress*. 2ª. ed. London: Oxford University Press, 1960, 365 p.

SMITH, Henry Nash. *Mark Twain: The Development of a Writer*. New York: Atheneum, 1967, 188 p.

TACCA, Oscar. *As Vozes do Romance*. (Trad. Margarida Coutinho Gouveia). Coimbra: Almedina, 1983, 168 p.

TWAIN, Mark. *The Innocents Abroad or The New Pilgrim's Progress*. New York: Oxford University Press, 1997, 651 p.

\_\_\_\_\_. *Patriotas e Traidores: Antiimperialismo, Política e Crítica Social*. Org. Maria Sílvia Betti – Trad. Paulo César Castanheira, 1ª ed, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, 462 p.